Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal de Brasília Class.: 58

Data 25 de novembro de 1990 Pg.:

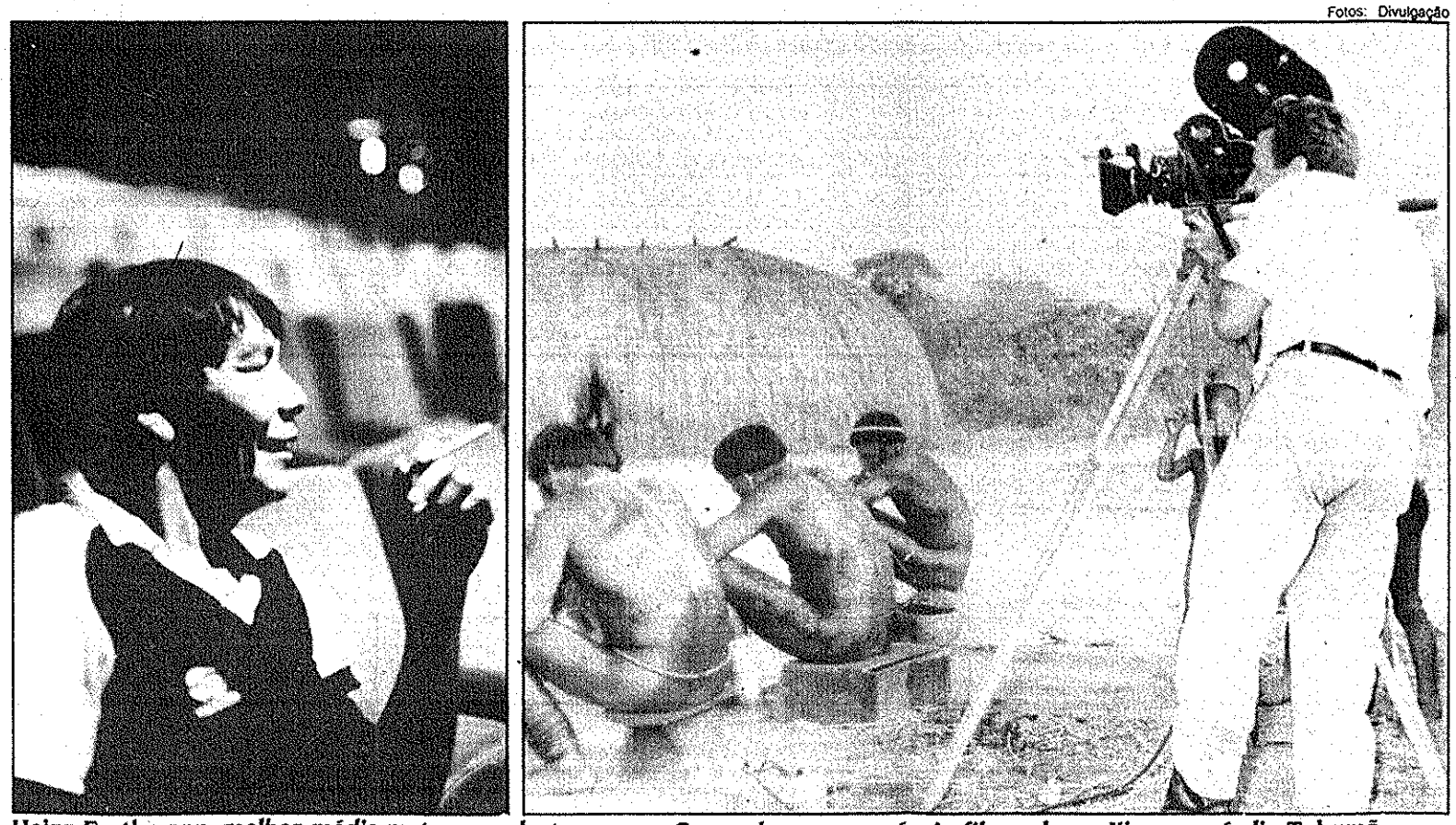
190

Heinz Forthmann das tribos ao resgate

O média-metragem de Marcos Mendes está em sessão única, amanhã na Cultura Inglesa: pesquisa para celebrar um mestre

CELSO ARAÚJO

Fotos: Divulgação



Heinz Forthmann, *melhor média-metragem deste ano em Gramado, com o próprio filmando no Xingu e o índio* Takumã

Um exercício de cinema que é, ao mesmo tempo, um dos mais inquietantes filmes sobre a questão indígena no Brasil é o resultado do média-metragem *Heinz Forthmann*, de Marcos Mendes. Não fosse este filme e a obstinação do realizador, Forthmann talvez estivesse esquecido para sempre, ele que foi uma das mais admiráveis figuras da Universidade de Brasília e pode ser visto como um pioneiro de valor inestimável para a história e presença do cinema na capital do País.

Heinz Forthmann (1915-1978) nasceu em Hannover, Alemanha Ocidental, filho de Rudolf Heinrich Chrstian Forthmann e de Hedwig Pauline, brasileira apesar do nome. Com 17 anos, Heinz veio para o Brasil, morando em Porto Alegre. Estudou na década de 30, fez desenho comercial e fotografia industrial até 1940, ano em que opta pela nacionalidade brasileira. No Rio, novas investidas em desenho publicitário. Em 42, é admitido no Serviço de Proteção aos Índios, como diretor artístico de cinematografia e sonografia do Serviço de Documentação, criado pelo Marechal Rondon.

Marcos Mendes fez uma pesquisa exaustiva e completa. Não se sabe quem ganhou mais com o contato: se os índios ou se Heinz Forthmann. Dele, a partir de então, são as mais estarrecedoras e autênticas imagens de diversas nações indígenas brasileiras. O filme de Marcos Mendes, sem mistificações, deixa que personalidades como Darcy Ribeiro, Orlando Villas-Boas, Takumã Kamayurá, Olympio Serra e tantos outros contem a história de Forthmann e sua valente determinação de registrar tudo o que fosse possível em suas "missões" como principal fotógrafo do Marechal Rondon. Com Darcy Ribeiro, Forthmann faria "Os Índios Urubu" e "Funeral Bororo". No mesmo momento em que sai um disco sobre a música dos índios Bororo, os registros do ritual fúnebre ganham um impacto capaz de siderar qualquer cineasta, de paralisar qualquer espectador de olhos atentos.

Na década de 50, ainda, é incansável a atuação de Forthmann em documentação etnográfica da região xinguana. Rigoroso com a técnica e a sensibilidade, Forthmann viajaria aos Estados Unidos para editar todo o material produzido no Xingu, mais tarde perdido ou extraviado. Mas sua atividade incessante passa pelos anos 60 (Forthmann filmaria também o Carnaval, Canudos, Brasília e as Rodovias), até 64, quando é trazido para Brasília por Luis Humberto. Ele faria a fotografia de filmes pioneiros de cineastas como Vladimir Carvalho e Geraldo Sobral. Em 78, já amargurado pela penúria da Universidade de Brasília, ele falece de embolia pulmonar, deixando dois filhos e a mulher Rosa de Arruda Forthmann.

Com uma narrativa límpida, sem cortes abruptos ou demoras, Marcos Mendes faz o encadeamento de vida e obra. Em vários sentidos, o seu média-metragem é exemplar, e possui um caráter trágico que é impossível dissociar das imagens captadas pelo olho certeiro de Forthmann. Tanto faz serem imagens de beleza indiscutível no que se refere à física, aos cantos e à presença dos índios de diversas tribos quanto imagens dramáticas e míticas desses mesmos índios em seus rituais de morte. Rituais que, vistos com os nossos olhos de agora, sabedores de tantas desgraças que se multiplicaram daquelas décadas para cá, adquirem um caráter de horror trágico.

Marcos Mendes nasceu no Rio, em 55. Veio para Brasília com dez anos de idade. Em 74, entrou para a Universidade de Brasília, onde foi aluno de Heinz Forthmann e Vladimir de Carvalho. Em 77, bacharelou-se em Audiovisual. Em 79, produziu e dirigiu o curta *Seu Raulino*, documentário sobre a visão ecológica de um camponês da região de Formosa. Morou na França entre 80 e 82, e a partir de 85 começou a produção e a pesquisa deste média-metragem.

Hein Forthmann tem 55 minutos de duração, em cor e p&b. É um filme depurado, de uma dignidade rara nos dias de agora. Marcos Mendes faz um ensaio primordial sobre o cinema etnográfico no Brasil. De agora em diante, o seu filme é uma referência indispensável. O Brasil, não sabe, ainda e até quando?, avaliar a importância cultural de um cinema como esse e, certamente, muitas latas de filmes, cópias, gravações e imagens como as de Forthmann apodrecem nos porões da burocracia e da indiferença.

Heinz Forthmann é um emocionante resgate, uma possível iniciação, a qualquer espectador vivo, ao absurdo nunca demais denunciado do nosso lento e gradual extermínio dos povos que habitaram este País e, até o fim, celebraram a potência imorredoura dos seus mitos.

☐ **HEINZ FORTHMANN — Média-metragem em 16 mm, produzido e dirigido por Marcos Mendes. Nesta segunda-feira, às 20h00, na Cultura Inglesa (709 Sul).**